

# OS MARCADORES *AÍ*, *ASSIM*, *NÉ* NO DISCURSO DO AMAZÔNIDA PARAENSE: UMA INTERFACE

Joaquim Nepomuceno de Oliveira Neto  
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *Estudar os marcadores *aí*, *assim*, *né* no discurso do amazônida paraense. Hipotetiza-se que esses marcadores funcionam numa interface no decorrer da interação social.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Marcadores; Discurso do Amazônida Paraense; Interface.*
- **ABSTRACT:** *Our aim, in this study is to study the conversational markers *né* (isn't) *aí* (then), *assim* (so), in the amazonida paraense discourse. In what concerns this study we have theorized that such markers have an interface function during the time of the social interaction*
- **KEY WORDS:** *Markers, Amazonida paraense discourse; Interface.*

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere em uma linha de pesquisa que faz parte do projeto *O Português falado no Pará: um estudo da norma culta e da norma popular*. O *corpus* que sustenta a análise consta de cinco entrevistas realizadas com o amazônida paraense dos municípios de Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Igarapé-Mirim e Moju. Os informantes pertencem a uma faixa etária entre 35 a 55 anos e com um grau instrucional até a segunda série do antigo curso primário.

Para a análise dos dados seguiremos os estudos da Análise Conversacional de linha Etnometodológica e Lingüística.

Em decorrência da grande quantidade de elementos pontuadores da fala — no caso, os marcadores conversacionais, neste estudo nos ateremos apenas a três marcadores *aí*, *assim* e *né*, procurando verificar de que forma esses marcadores se apresentam na produção discursiva do amazônida paraense.

## 2 UMA VISÃO GRAMATICAL E LINGÜÍSTICA DOS ADVÉRBIOS

Dadas as várias caracterizações que as formas **né, aí, assim** adquirem no discurso, faremos algumas considerações sobre o advérbio, numa perspectiva gramatical e lingüística, por ser essa a classe de palavras em que aquelas formas se ajustam. Essas reflexões se fazem necessárias a estudos posteriores desses elementos, enquanto marcadores conversacionais na fala do amazônida paraense.

Bomfim (1988), ao fazer um estudo dos advérbios conforme considerados na gramática normativa, analisa esses elementos a partir de uma comparação entre a classificação da teoria tradicional e a classificação feita por certos estudiosos no decorrer de várias pesquisas que ora se realizam.

Para a autora, apesar de o estudo dos advérbios de tempo e de lugar parecer menos problemático, esses advérbios merecem análises especiais dada a impossibilidade de considerá-los como elementos relacionados ao verbo. Muitos advérbios que pertencem a esses dois grupos apresentam comportamentos diversificados e essas diferenças *prendem-se a fatores de ordem pragmática* (p. 17).

Após o estudo de trabalhos de autores consagrados no ensino da gramática, Bomfim (1988) afirma que “a natureza nominal e a natureza pronominal, os determinantes do verbo e de adjetivo e a função dêitica são características do advérbio que nossas gramáticas de há muito vêm apontando” (p. 20).

Ao se referir aos advérbios de lugar, a autora subdivide-os em grupos. De um lado, apresenta os dêiticos relacionados com o emissor e o receptor: **aquí, aí, lá**, etc. De outro lado, os advérbios conectados com um ponto de referência interno ao enunciado ou não.

Os dêiticos, acima citados, referem-se ao ato de fala e indicam uma localização espacial objetiva e se identificam com o local a que se referem. **Aí**, por exemplo, representa o lugar de que se está falando.

Para Bomfim (1988), os dêiticos espaciais, assim como os temporais, devem ser incluídos na classe dos pronomes e reforça sua posição com os estudos de Câmara Jr. (1970, p. 114), que os considera pronomes, e os de Bechara (1975), que os apresenta entre os advérbios pronominais, como demonstrativos.

Para Andrade (1990), os dêiticos, na verdade, são elementos presos à enunciação, isto é, ligados à função interpessoal (relação locutor-interlocutor: agora, então, ali, aí, etc.) ou ao contexto (agora, então, hoje, ontem, ali, acolá, aí, etc.). Bomfim (1988, p. 68), então, aponta “a necessidade de revisão dos elementos do léxico ora listados como advérbios, ora como palavras de classificação à parte, os quais estão presos à função textual e atuam na ordenação do texto ou de suas partes”.

Numa visão mais lingüística, o estudo dos advérbios assume uma outra perspectiva. Quirk *et al.* (1976), por exemplo, classificam os advérbios em: **adjuntos** (integrados na estrutura da cláusula: ponto de vista, focalizador, intensificador, processo, lugar, tempo, etc.); **disjuntos** (não conectivos, são elementos periféricos à estrutura da cláusula: apontam o estilo e a atitude do falante) e **conjuntos** (conectivos: periféricos à estrutura da cláusula).

Para Ilari *et al.* (1991), nas palavras supostamente classificadas como advérbios, como é o caso do **aí, há**, na realidade, a presença de um mecanismo que demonstra

um processo de planejamento verbal e sinalização pelo qual uma expressão genérica antecipa o tipo de função sintática e semântica que vai se realizar na expressão que segue; esse mecanismo se estende a outros dêiticos como os pronomes e clíticos redobrados (p. 70-1).

Esses elementos *catafóricos* apresentam outras alternativas de uso que não são restritas ao adjunto adnominal, mas abrangem, também, adjuntos adverbiais, predicados complexos e até mesmo argumentos do verbo.

Então, para Ilari *et al.* (1991), quando os dêiticos funcionam como *flags* (como é o caso de assim, aqui, aí e lá), é preciso considerar que essas palavras atuam em funções sintáticas distintas das tipicamente adverbiais; na verdade, todo *flag* desempenha a função sintática da expressão que ele anuncia. Desse modo, explicam-se também suas posições correspondentes.

Assim, a forma **aí** é considerada pelos autores como elemento *dêitico-anafórico*, e apresenta função própria na organização discursiva, podendo funcionar como locativo e temporal, ou ainda como advérbio de discurso, uma vez que pode ser aplicado a unidades cujas dimensões ultrapassam não só os limites dos constituintes como também da sentença.

Dentre os advérbios, é importante considerar a realidade lingüística do significado de **aí**, observando como ele (re)cria valores em um determinado contexto.

Esse elemento, dada a sua constituição no discurso, apresenta, na fala do amazônida paraense, características bem variadas. Vejamos:

a) **Indicador de reforço**: aqui o indicador aparece para dar maior força para o que é enunciado:

(**aí** = para isso)

(01) **Inf**: /.../ I elis inventu **aí** us chá, né? /.../  
(Ent.01 p.22)

b) **Indicador de lugar**: designa um lugar próximo do que se está falando, expressa tanto situação como direção:

(**aí** = nesse lugar)

(02) **Inf**: /.../ Nus terrenu qui nãu istãu muintu é::: derubadu, **aí** faz a caçá de paca nu mutá /.../  
(Ent. 01 p.25)

c) **Indicador de referência**: ocorre quando se está referindo a um elemento anterior:

(**aí** = dos/das quais estamos falando)

(03) **Inf**: /.../ Essas ilha **aí**, elas si mudaru muintu elas si mudaru muintas i muintas veis /.../  
(Ent.01 p.28)

d) **Indicador de conclusão**: é um indicador que se apresenta para concluir a idéia manifesta:

(**aí** = pois, à vista disso, portanto)

(04) **Inf**: /.../ I **aí**, quandu foi um dia, u::: essi pescadu foi lá na::: na ilha da Pacoca /.../  
(Ent.01 p.28)

e) **Indicador de tempo**: (dêitico anafórico):

(**aí** = nessa ocasião, nessa altura, nesse momento)

(05) **Inf**: /.../ **Aí**, disconta mais u menu um parmu da puntinha du rabu da cobra i num olha pra cima, **aí** tu corta i joga a xícra de leiti nu rabu da cobra nu rumu qui tu cortá lá /.../  
(Ent.01 p.28)

f) **Indicador de resultado**: (dêitico anafórico): o indicador, ao referir-se a um elemento anterior, indica o que vem a acontecer em seguida:

(**aí** = a partir daí)

(06) **Inf**: /.../ Eli curtu u rabu da cobra, jugu a xícra de leiti i ulhu para cima, **aí** ficu lucu, eli num podia cuntá u qui eli viu /.../  
(Ent.01 p.28)

g) **Indicador de conseqüência:** aqui, percebe-se que há uma causa que conduz a uma conseqüência. Serve também para esclarecer a razão pela qual o fato acontece:

(aí = nessas circunstâncias, em tal caso)

(07)Inf:/.../ u aparelhu paru u mutu i nóis caímu né? caímu i::: aí eu fiquei disacordadu, já caímu pertu du Aeroclubi /.../  
(Ent.01 p.27)

(aí = motivo pelo qual)

(08)Inf:/.../ Num querim si interessá i chega us pai i a mãi i nada dissu vê, aí fica tudu ansim reberdi.  
(Ent.05 p.19)

h) **Indicador de conjunção:** quando há uma aproximação de comportamentos e ou atitudes:

(aí = então ou e)

(09)Inf:/.../ Elis fazi essi jiró beim artu i us caçadu ficu lá isperanu a paca, aí quandu veim cumeçá chegá a nuiti, aí elas veim pra lá fazê cumidia né? /.../  
(Ent.01 p.25)

i) **Indicador de confirmação:** quando o locutor confirma uma idéia da qual, aparentemente, tem certeza. Serve também para confirmar um fato relatado:

(aí = ter certeza)

(10)Inf:/.../ Issu aí eu vu dizê u qui eu vi /.../. Issu aí tenhu muinta testemunha pra issu, muinta genti qui viu tambeim /.../  
(Ent.01 p.28)

(aí = para confirmar)

(11)Inf:/.../ Essa aí chama ilha du Sucumbi, acima de Tucuruí um pucu.  
(Ent.03 p.12)

j) **Indicador de seqüência** (encadeador): serve para ordenar ou argumentar:

(aí = então)

(12)Inf:/.../ Aí, essi bichu cada veis cavanu mas u bu racu né? /.../ aí, eli foi in cima foi in imbaxu. Eli pegu dissu. Aí, a mãi deli dissu: - é, meu filhu, num teim mas u qui si jugá, mi joga. Aí jugu ela /.../  
(Ent.03 p.32)

l) **Indicador explicativo:** serve para explicar os fatos que acontecem ou estão acontecendo:

(aí = pois, porque)

(13)Inf:/.../ u carapanã pruvoca i daquilu vai si turnanu nessi sufrimentu de feбри, aí u sarampu é de cuntágiu /.../, a papera tameim é de cuntágiu /.../  
(Ent.05 p.47)

m) **Indicador de lugar indeterminado:** o vocábulo aí pode aparecer em locução como "por aí" adquirindo valor de aí:  
(aí = por aí)

(14)Inf:/.../ pareci qui tinha uns seis o seti anu pur aí, uns uitu anu /.../  
(Ent.01 p.28)

Diante dos enunciados acima descritos, percebemos, em relação ao estudo dos advérbios, que as gramáticas normativas enquadram, na categoria de advérbios, grande quantidade de palavras, dependendo dos ambientes sintáticos em que elas aparecem. As gramáticas mais recentes relacionam, ainda, após tratar do advérbio, uma lista de vocábulos deixados sem classificação pela Nomenclatura Gramatical Brasileira — NGB —, por não se enquadrarem em nenhuma das classes tradicionais.

As designações dadas aos tipos de vocábulos integrantes do grupo de advérbios são praticamente as mesmas, com poucas variações. Nos estudos feitos por Gama Kury (1967) e por Rocha Lima (1976) são incluídos no grupo dos advérbios os que os autores chamam de *advérbio de frase* e ainda palavras e locuções que indicam afirmação, negação e avaliação. Oiticica (1947) já havia estudado um grupo de palavras classificadas pelos autores, umas como *advérbios* e outras como *palavras prepositivas*, mas que exprimem “meros acidentes do discurso” — as denotativas.

O problema, segundo Oiticica, prende-se ao fato de que:

.../ até hoje os gramáticos se têm preocupado exclusivamente com as palavras que exprimem idéias, ou palavras ideativas, pouco atendendo à numerosa classe das palavras que exprimem **emoção** e, ainda menos, às palavras que exprimem meros acidentes do discurso, como as interrogações, afirmações, realces, correções, ressalvas, exclusões, designações, etc. (p. 50)

Com essas observações, o autor dá realce ao caráter subjetivo de alguns advérbios e de outras palavras, que, embora tradicionalmente consideradas como advérbios, não se comportam como tais. Para isso, basta que observemos que muitas dessas palavras ligam-se ao sujeito da enunciação, isto é, ao emissor, àquele que é responsável pelo enunciado.

Outro aspecto a ser levado em consideração é o da função textual, que, segundo Halliday (1976, p. 137), “/.../ cumpre à linguagem possibilitar o estabelecimento de vínculos com ela própria e com as características da situação em que é usada”. Esta

função refere-se ao modo por que a estrutura gramatical e entonacional das orações as relaciona umas com as outras em textos contínuos. Têm essa função algumas palavras arroladas entre os advérbios ou entre palavras de classificação à parte, usando a terminologia da NGB.

De acordo com Oiticica, vamos encontrar entre as denotativas tanto palavras ligadas à enunciação quanto ligadas à função textual.

O importante nos estudos de Oiticica, que já atenta para o caráter subjetivo da linguagem e o de Halliday, que atenta para os aspectos da função textual, é que os advérbios e os vocábulos de classificação à parte deixam de ser vistos apenas em seu aspecto morfossintático, semântico, etc., e adquirem uma outra função, levando em conta o caráter enunciativo da linguagem, cujos maiores implicados são o *locutor* enquanto *emissor* e o *interlocutor* enquanto *ouvinte*. É nessa relação que se presentificam os aspectos subjetivos da comunicação lingüística.

Ressaltamos que, de acordo com as reflexões desses pesquisadores, não queremos afirmar que os marcadores conversacionais, em estudo, não se enquadram na categoria dos advérbios. A palavra **assim**, por exemplo, é um advérbio, mas, embora derivado dessa categoria, apresenta, muitas vezes, um status diferente, dependendo da posição e função que ocupa no discurso, bem como da entonação que o informante der a esse marcador no momento de sua enunciação.

Ilari *et al.* (1991, p. 69) afirma:

seja como for, as gramáticas enquadram atualmente entre os advérbios uma quantidade enorme de palavras de que seria mais correto dizer que, apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem aos critérios tradicionais para a classificação como advérbios. Tratar do “advérbio” é, antes de mais nada, tomar consciência desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões.

É diante dessa diversidade que iremos estudar o elemento **assim**, que a tradição enquadra na classe dos advérbios, já que, segundo ela, esse elemento modifica o verbo. Essa relação, porém, não é casual. No exemplo (15), a forma **assim** tem uma função explicativa, em relação ao verbo *ficar*, presente no enunciado.

(15) **Inf**:/... Mais quandu ferrava, ficava **assim** qui aranhava, chega abria firida.  
(Ent.03 p.25)

Em alguns casos, como no exemplo a seguir, podemos substituir o marcador **assim** pela forma “**ancorada**”, “**amarrada**”, sem que, para isso, se perca o sentido do enunciado:

(16) **Inf**:/.../ Quandu sinãu atravessava pru riu i dexava u cascu na bera **assim** da:: na bera du matu i aí entrava nu matu i ia caçá /.../.  
(Ent.03 p.28)

Na verdade há empregos semelhantes da forma **assim** em que o valor adverbial não se restabeleceria mesmo recorrendo a expressões elididas. Estas formas são até freqüentes; neste caso, podemos constatar que o marcador **assim**, como elemento dêitico catafórico, apresenta-se com propriedades sintáticas e distribucionais idiossincráticas, admitindo usos bastante diversos:

(17) **Inf**: /.../ Tenhu uma cabeça muinta bua graças a Deus mermu, sei gravá quarqué cuisa **assim** /.../  
(Ent.03 p.12)

(18) **Inf**: Eu tu muranu aqui nesta cidadi há vinti i uitu anu, purái **assim**, foi quandu ela foi iniciada aqui /.../  
(Ent.02 p.09)

A segmentação das unidades sintáticas em que o marcador **assim** ocorre foram as seguintes:

a) **verbo + assim + complemento**

(19) **Inf**: /.../ vê **assim** aquelis animar curreri, sabi?  
/.../  
(Ent.03 p.20)

(20) **Inf**: Aí eli pegu, ulhu i dissi **assim** pra ela /.../  
(Ent.03 p.33)

b) **Predicativo + assim + adjunto adverbial**

(21) **Inf**:/.../ pa i era boum pa saí de casa, mais pa vortá era difiçu **assim** por causa de muinta currenteza.  
(Ent.03 p.11)

c) **Auxiliar + assim + verbo**

(22) **Inf**:/.../ Quandu agenti ia cumprá a dispesa, agenti vinha **assim** puxanu naquelas rama **assim**, sabi?/.../  
(Ent.03 p.11)

(23) **Inf**:/.../ Tava **assim** ajuntanu manga de nuiti, sabi? /.../  
(Ent.03 p.35)

d) **Substantivo + assim + marcador apelatório**

(24) **Inf**:/.../ Tameim agenti via muinta tartaruga **assim**, sabi? /.../  
(Ent.03 p.11)

e) **Verbo de Ligação + assim + predicativo**

(25) **Inf**:/.../ A canua pa ajudá u cara qui vinha impurranu na vara u cascu, pa pudê chegá in casa. Pa i era boum, pa saí de casa, mais pa vortá

era **assim** difiçu pur caus. muinta cur-  
renteza  
(Ent.03 p.11)

Achamos por bem fazer esse estudo, mesmo que sintético, dos advérbios, especialmente o de lugar (**aí**) e o de modo (**assim**), pela sua presença na fala do amazônida paraense, quando de sua produção discursiva. Ressaltamos também que essa classe de elementos dada à sua complexidade, tem sido objeto de extensivos estudos por parte de gramáticos e lingüistas. Em razão disso, não é nosso interesse fazer um estudo exaustivo dessas formas, nem entrar em maiores detalhes

### 3 MARCADOR CONVERSACIONAL NÉ NA PRESENÇA NO DISCURSO

Ao levantarmos os marcadores conversacionais presentes no *corpus* da pesquisa, percebemos a grande quantidade de uso do marcador **né?**, que se integra na conversação, para manter a interação entre os interlocutores. Daí a razão de estudarmos esse marcador mais especificamente.

Ao observarmos as *entrevistas*, percebemos que é surpreendente a força que a presença de um interlocutor exerce na motivação básica para o emprego do marcador **né?** juntamente com o fator espontaneidade e oralidade. Na literatura, em geral, a presença do marcador **né?** está ausente ou é limitada. No entanto, essa enorme ocorrência na fala do amazônida paraense, para nós, justifica-se por se tratar de uma reprodução elaborada da fala em situação real de comunicação.

Quanto à forma, verificamos, ainda, que o marcador **num** se aproxima do marcador padrão **não é**, podendo-se considerar aquele como uma forma intermediária, em processo de mudança lingüística, de **não é** para **né**.

No levantamento do marcador **né**, para verificarmos sua ocorrência, constatamos que sua presença é marcadamente supe-

rior em relação à ocorrência do **num é**. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1  
Frequência  
(Marcador **num é** e **né**)

ENTREVISA	MARCADOR	OCORRÊNCIA	FREQÜÊNCIA
1	NUM É	01	1,2%
	NÉ	45	32,2%
2	NUM É	--	--
	NÉ	23	16,1%
3	NUM É	03	3,6%
	NÉ	31	23,1%
4	NUM É	--	--
	NÉ	18	12,1%
5	NUM É	02	2,4%
	NÉ	08	9,3%

Verifica-se, no quadro acima, que a ocorrência e a frequência da forma **né** é superior a forma **não é (num é)** em todas as entrevistas analisadas. Isto se deve ao fato de o informante estar mais motivado ao uso da forma **né**, em virtude de essa forma ser a mais frequente nas conversações da vida cotidiana.

As pessoas, quando indagadas sobre o marcador **né**, reconhecem esse marcador como sendo uma contração da forma **não** com a forma **é**, portanto, uma expressão de forma *braquiológica*. Esse fato é citado como sendo uma das características da forma desse marcador, proposta por Vincent (1983) que diz "ter uma forma fonológica reduzida em relação à sua forma significativa".

A estrutura do **não é** e, conseqüentemente, também a do **né**, sintaticamente falando, são perguntas postostas ou *tags*. Este é um recurso do ato comunicativo, que tem como objetivo a explicitação das intenções e posições de quem fala. Para Bublitz (1988, p. 144) "a ação à qual o papel do participante, neste momento, está conectado chama-se ação comunicativa".

Mira Mateus *et al.* (1983, p. 160), em relação ao português falado em Portugal, explicam-nos que os processos de intensificação de negativas se exemplificam mediante a expressão **pois não**:

A nível de actos ilocutórios indiretos observa-se o recurso a perguntas "tags", dirigidas a um alocutário de quem o locutor espera apenas a ratificação da avaliação que o locutor tem do estado de coisas enunciado.

LOC: Tu não vais fumar antes do jantar, pois não?

ALOC: Não, não vou.

Tendo em vista os marcadores conversacionais **pois não** no Português de Portugal e **né** no Português do Brasil, se há semelhanças nas suas ocorrências e funções, é necessário que se faça um estudo mais minucioso, uma vez que ambas as formas desempenham aparentemente papéis análogos.

Segundo Duque Estrada (1992), levando em conta esses aspectos em relação às possíveis formas do **né** e das outras formas de expressões, é melhor optar-se por:

(a) considerar o **né** como uma forma mais evoluída da que seria a forma básica **não é**, uma vez que, mesmo na linguagem formal, a presença do **né** é mais evidenciada do que a do **não é**;

(b) enfatizar o **né**, pela diversidade constatada nas ocorrências, pela maior ocorrência e efetivo distanciamento da forma básica **não é**.

Centrando nossos estudos no marcador **né**, um aspecto que nos despertou a atenção é o fato de que esse marcador, mesmo bastante usado, ainda não esteja dicionarizado.

Quanto à posição do marcador **né**, em um **eontinuum sonoro**, ela é variada, porém, com clara preferência à **posição final** de unidade comunicativa e de turno, com entoação ascendente, podendo ser encontrado, em alguns casos, em **posição intermediária**. Vejamos:

### 1. Meio de Turno e Meio de Unidade Comunicativa

(26)Inf: /.../ Leva lá craru, quandu agenti leva particolá, **né?** i quandu há necessidadi mermu qui nãu si resorvi aqui agenti leva pra Belem.  
(Ent.02 p.21)

### 2. Meio de Turno e Fim de Unidade Comunicativa

(27)Inf: Eu achu qui aqui é diarréia **né?** qui ataca muinta **né?**  
(Ent.04 p.16)

(28)Inf: Olhi! divia sê purque agora tá tudu mudadu sabi? Essi negoçu de poblema entri filhu i pai **né?** Essis filhu num tãu mais arrespeitanu quasi u pai **né?** num sãu ubidienti. Antigamenti, quandu mi intendi nãu. Deus u livri si nós tivessi cunversanu agora qui neim nós tamu **né?** mininu neinsum si mitia **né?** Hujj quandu si tá cuntanu uma cuisã, tá cuntanu, cuntanu u negoçu, veim um de lá i diz:- nãu num foi assim **né?** é assim, já si meti. U melho quandu mi intendi nãu, num tinha dessa nãu.  
(Ent.03 p.17)

### 3. Fim de Turno e Fim de Unidade Comunicativa

(29)Inf: Ah, issu qui teim u nomi de médicu **né?** mais quasi sãu pucu /.../ Olha, nu huspitar sãu treis médicu **né?** /.../ Vamu pa Abaetetuba, Belem num adianta prucurá médicu num resorvi nada **né?**  
(Ent.04 p.09)

(30)Inf: /.../ Acriditu, eu vi u butu, inxerguei **né?**  
(Ent.04 p.19)



### 3.1 A FUNÇÃO DO NÉ NA ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

O marcador conversacional **né** é uma partícula que pode assumir mais de uma função, de acordo com o objetivo de quem a utiliza. Neste primeiro momento, seguiremos Marcuschi (1986), já que ele agrupa as possíveis funções dos marcadores da seguinte forma: *função de abrandamento*, que abrange a função de manutenção caracterizada por enunciados que contêm estratégias de manutenção da face; *função de sinalização de relevância*, que se caracteriza por solicitações de concordância ou confirmação, indicação de fechamento de assunto e de transferência de informação.

A função de abrandamento (ou atenuação) faz parte de uma noção mais ampla que é a noção de polidez. Marcuschi (1989, p. 285) sugere “a hipótese de que a noção de polidez pode ser tomada num sentido mais amplo de englobar a noção fática ou de contato, já que o simples fato de marcar atenção é um sinal de polidez”.

Fraser (1980) nos diz que o abrandamento não é um tipo de ato ilocutório ou mesmo perlocutório, no sentido de Austin (1962), mas que deixa de ter relação com esses desempenhos lingüísticos. O abrandamento, no seu modo de ver, seria a tentativa de reduzir a força do impacto causado por alguma notícia desagradável ou hostilidade presente em uma determinada ação e, para tanto, nos adverte: “o abrandamento é definido não como um tipo de ato de fala particular, mas como a modificação de um ato de fala: a redução de certos efeitos indesejáveis que um ato de fala causa ao ouvinte” (p. 341).

Para Fraser, o conceito de abrandamento e o de polidez são diferentes. O conceito de *abrandamento* envolve a redução de efeitos indesejáveis causados por um determinado ato de fala, enquanto o conceito de *polidez* diz respeito à adequação desse ato ao contexto a que ele pertence. Comumente aparecem elocuições que contêm tanto a polidez quanto o abrandamento. Então, para Fraser, “o abrandamento será vinculado à polidez, mas o

inverso não é verdadeiro. Resumindo, o abrandamento só ocorre caso o falante esteja também sendo polido” (1980, p. 344).

Um dos casos em que o marcador conversacional **né** tem a função de marcador de abrandamento ocorre quando se faz um elogio. Se houver aceitação explícita do elogio, o **né** passa a ter uma forma marcada. Vejamos o exemplo:

(31) *Loc: Você vai comer com agenti?*

*Aloc: Capivara n'água e sal, né?*

*Loc: Mesmo cozida n'água e sal é gostosa.*

*Loc: Você gostou da carne de capivara?*

*Aloc: Gostei de comer capivara*

*Aloc: A carne é ótima, super saudável, né?*

O marcador **né** com a função conversacional de sinalizador de relevância, quando em final de turno, tem algumas características que devem ser observadas. É interessante notar que essa ocorrência tem um conteúdo especializado:

a) ele parece indicar que é intenção do falante solicitar do seu co-participante concordância ou confirmação em relação ao que foi exposto ou

b) negociar o fechamento da pauta.

(32) **Doc:** Quais são os alimentos mais usados lá na região?

**Inf:** Boum, na cidadi. Na cidadi de Abaetetuba vucê vai nu mercadu de pexi vucê encontra tudu quantu é marca de pexi praticamenti **né**? Agora vai na fera de mantimentação sargada /.../vucê encontra capivara, vucê encontra jacaré, /.../ i falanu in pexi é u mais prifiridu da regiãu é u mpará **né**? Incontra muintu camarãu na fera. Carni de gadu, issu sãu complementação mais prifirida da cidadi **né**?  
(Ent.01 p.16)

Vemos, no exemplo, que o informante usa o marcador **né** para solicitar concordância e confirmação ao que enuncia. Esse marcador também funciona como um recurso de entrega da palavra ao documentador, já que esta é uma de suas funções (Galembek, 1993). Quanto ao fechamento da pauta, com a presença do marcador **né**, é mais comum nas conversações simétricas em decorrência do maior número de interlocutores envolvidos na conversação.

#### 4 CONCLUSÃO

No decorrer desse estudo, notamos a força que a presença de um interlocutor exerce na motivação básica para o emprego dos marcadores **aí**, **assim**, **né**, juntamente com o fator espontaneidade e oralidade. Esse fato nos chamou a atenção, ao observarmos que o escopo de sua ocorrência fecha-se em torno de contatos pessoais naturais, no nosso caso, de entrevistas face a face realizadas.

Como se trata de uma interação oral, essa fala tem como fronteira a fala do outro. Não obstante, é possível a invasão dessas fronteiras, razão por que os participantes de uma conversa exercem um monitoramento permanente de comportamento por meio das reações dos envolvidos no processo comunicativo. Os falantes emitem sinais que orientam os ouvintes e, estes, sinais que orientam os falantes. No caso dos marcadores **aí**, **assim**, **né**, procuramos levar em conta sua fonte de produção e classificação, de acordo com a utilização que dela faz o entrevistado.

### Quadro 2 Frequência

(Marcador **né**)

ENT.	INF.	MUNICÍPIO	ESCOLARIDADE	OCORR.	FREQ.
1	ARN	Abaetetuba	Alfabetizado	45	33,4%
2	DRB	Barcarena	Alfabetizado	23	16,1%
3	JDF	Cametá	Alfabetizado	31	26,7%
4	RCS	Igarapé-Mirim	Alfabetizado	18	12,1%
5	NNA	Moju	Analfabeto	08	11,7%

Observando o quadro acima e levando em conta a ocorrência do **né** em relação aos demais marcadores, presentes nas entrevistas, percebe-se que o marcador **né** tanto nos turnos quanto nas unidades comunicativas, em relação ao papel do entrevistado, foi o de maior frequência. O fato de haver certa preferência de utilização do **né** pelo informante, em um total de **125**, leva a pensar que o informante está motivado a manter a interação com o documentador.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Lúcia Victório. *Contribuição à Gramática do Português Falado: estudo dos marcadores conversacionais então, aí, daí*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado) PPG-PUC-SP, inédita.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Local? Oxford University Press, 1962.
- BOMFIN, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios, 129)
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

- DUQUE ESTRADA, Megan Parre de. *O Marcador Interativo Né na Fala Urbana Culta Paraense*. Belém, 1992. Dissertação (Mestrado), PPG – Universidade Federal do Pará, inédita.
- FRASER, B. *Conversational Mitigation*. *Journal of Pragmatics*. Local? n. 4, p. 341-350, 1980.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso *et al.* O Turno Conversacional. In: PRETI, Dino, URBANO, Udilson (orgs). *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz/Fadesp, 1990. V. 4 – Estudos.
- GAMA KURY, Adriano. *Pequena Gramática: para a explicação de nova nomenclatura gramatical*. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e Função da Linguagem. In: LYONS, J. *Novos Horizontes em Lingüística*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1976. P. 134-160.
- ILARI, Rodolfo. Considerações sobre a Posição dos Advérbios. In: Castilho, Ataliba de (Org.) *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Editora da Unicamp/Fadesp, 1991. V. 1 – A Ordem.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios, n. 82)
- \_\_\_\_\_. Marcadores Conversacionais no Português Brasileiro: formas, posições e funções. In: \_\_\_\_\_. *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989 P. 281-321.
- MIRA MATEUS, Maria Helena. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.
- OITICICA, José. *Manual de Análise. Refundida*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1947.
- QUIRK *et al.* *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman, 1976.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1976.